

OS EFEITOS DA PANDEMIA DO COVID-19 NA GEOPOLÍTICA DO PETRÓLEO E NO BRASIL

THE EFFECTS OF THE COVID-19 PANDEMIC ON OIL GEOPOLITICS AND BRAZIL

Submetido em 06 de julho de 2020

Aceito em 15 de setembro de 2020

Thais Virga

thaisvirga@gmail.com

Universidade de São Paulo (USP)

Campinas – SP - Brasil

André dos Santos Alonso Pereira

andre.santos.pereira@usp.br

Universidade de São Paulo (USP)

São Paulo – São Paulo – Brasil

Henrique de Freitas Chimenes Gil

henrique.gil@usp.br

Universidade de São Paulo (USP)

São Paulo – São Paulo - Brasil

Resumo

A expansão da crise epidemiológica do Covid-19 no mundo impacta e complexifica o cenário do petróleo, no presente e prospectivamente. A partir deste contexto o artigo busca analisar os efeitos da pandemia na geopolítica do petróleo, particularmente no Brasil. Com base no princípio de que a pandemia catalisa um processo, já em andamento, do petróleo tornar-se um recurso abundante, e não mais escasso como historicamente se previa. Destacam-se, então, os conflitos entre países produtores no que abrange questões como o controle da produção, estocagem e, principalmente, sobre as recentes quedas do preço do petróleo, inter-relacionando aos impactos nas economias nacionais e nos respectivos planejamentos energético. Por fim, quanto ao Brasil, discute-se sobre como esse cenário o afeta, particularmente, em sua principal empresa e representante em assuntos energéticos – a Petrobras - considerando da maior inserção do país no mercado de petróleo, graças ao Pré-Sal, às reverberações da pandemia na produção, demanda, âmbito fiscal e ameaças à indústria petrolífera nacional e à própria economia do país.

Palavras-chave: Crise Epidemiológica (Covid-19); Geopolítica do Petróleo; Impactos; Mundo; Brasil

Abstract

The expansion of the Covid-19 pandemic throughout the world has an impact at the oil's market landscape, at the moment and beyond. From this scenario, the present paper seeks to analyze the effects of the pandemic on the geopolitics of oil, especially in Brazil. Based on the principle that the pandemic serve as a catalyst to a process, already in progress, of oil becoming an abundant resource, not anymore in risk of depletion as previously expected. Then it's highlighted the conflicts among countries in questions such as productions cuts, tanking and, most of all, about the recent prices drops, linking both the impacts on national economies and their energy planning sectors. Finally, regarding Brazil, it is debated about how this scenario affects it's energy policy, in particular - Petrobras – it's major oil company and State representative in oil issues, even more relevant due to the Pre-Salt layer, which is responsible for an increasing Brazil's participation in the global market. To do so, we must take on account the impacts of the oil cuts, falling demand, fiscal issues and threats to Brazil's oil industry and its own economy.

Keywords: Epidemiological Crisis (Covid-19); Petroleum Geopolitics; Impacts; World; Brazil

Introdução

O novo Coronavírus, detectado primeiramente na cidade de Wuhan na China em dezembro de 2019, foi declarado uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020. Atualmente, ele está presente em 188 países, ultrapassando 26 milhões de casos e 875 mil mortes, segundo monitoramento da Universidade Johns Hopkins¹. Com números em progresso e por sua capacidade letal, a referida pandemia gera preocupações e incertezas. Enquanto não se descobre a vacina, algumas das medidas tomadas para conter seu avanço, e implementadas na maioria dos Estados Nacionais, consistem em isolamento social e quarentena.

A consequência de tais medidas é uma redução dos mais diversos fluxos que estão no

¹ De acordo com o "COVID-19 Dashboard by the Center for Systems Science and Engineering (CSSE) at Johns Hopkins University (JHU)", disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>. Último acesso em: 05 de set. de 2020.

âmbito da globalização com seu ritmo frenético, e, que produzem uma série de desigualdades, acometendo milhões de pessoas ao redor do globo. Um dos setores que mais foi afetado foi o de energia, com uma súbita queda de demanda. Considerando o papel vital do setor energético nas sociedades contemporâneas, tal qual seu peso econômico, as reverberações da pandemia atingiram a usualmente conturbada geopolítica do petróleo, afetando principalmente os países produtores, que em ocasiões de crise se reúnem em organizações multilaterais.

Após uma tensa reunião entre países-membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) e outros países exportadores de petróleo que não pertencem ao cartel (que juntos formam a OPEP+) no dia 08 de março de 2020, a Arábia Saudita, apontada como líder *de facto* da OPEP, decidiu aumentar sua produção de petróleo bruto diária, o que provocou a maior queda em um único dia do preço do barril do petróleo desde 1991. A decisão foi tomada após discordâncias com a Rússia (país mais relevante do grupo não-membro da OPEP) sobre como os exportadores de petróleo do grupo deveriam traçar sua estratégia comercial diante do contexto da pandemia do Covid-19, a qual provocou a desaceleração da economia mundial e, consequentemente, a diminuição da demanda por petróleo, comprometendo as finanças desses países.

O presente artigo, então, tem como objetivo analisar tanto as principais relações da pandemia com a geopolítica do petróleo, quanto seus impactos e relações com a crise energética no mundo e no Brasil. A pandemia causou severos impactos no setor de petróleo, com sucessivas quedas no preço do barril conjuntamente à uma diminuição do consumo do hidrocarboneto. Tal conjuntura associa-se a um excesso de oferta no comércio internacional, o que, particularmente para o Brasil, ocorre em um momento inoportuno, devido ao aumento da produção e exportação de petróleo pelo país nos últimos anos.

O texto está dividido em três partes. A primeira apresenta os principais atores envolvidos no contexto da pandemia. Na segunda, são abordados os efeitos da pandemia na geopolítica do petróleo, com foco na Rússia, Arábia Saudita, Estados Unidos, China e Venezuela. Por fim, com foco no Brasil, na terceira seção são apresentadas e avaliadas as repercussões imediatas e prospectivas das referidas crises epidemiológica e energética à

Petrobras e à economia nacional, precedendo, assim, as considerações finais.

Como metodologia de trabalho seguiu-se uma linha de análise qualitativa de conjuntura acerca dos efeitos mais diretos e multiescalares da pandemia do Covid-19 sobre o setor petrolífero global no mercado do fóssil na atualidade, considerando sua principal organização (OPEP) e outros *players* relevantes. Para isso, como materiais utilizados destacam-se artigos de autores referenciados, em especial das áreas da Geopolítica e Geografia Econômica, além de fontes documentais oficiais e de informação (matérias de jornais e de opinião).

Os atores envolvidos e o contexto da pandemia

Os arranjos políticos e econômicos que sustentam o sistema petrolífero internacional há décadas sempre foram vulneráveis a pequenas crises locais que poderiam reverberar pelo mundo inteiro. Como uma das bases da atual economia globalizada, centrada no dólar (para não dizer petrodólar) e calcada na interdependência econômica entre as nações, bastava o primeiro dominó ser tombado para dar início a uma crise sem precedentes no mercado petrolífero (ALBULESCU, 2020). Esta peça foi o Covid-19, uma nova variante do coronavírus que rapidamente se alastrou pelo mundo e alarmou a Organização Mundial de Saúde (OMS), designando-a como uma pandemia em março de 2020 (MELLO-THÉRY; THÉRY, 2020).

A geopolítica, como ferramenta de análise espacial, nos permite vislumbrar os interesses em conflito entre os atores envolvidos. O petróleo, devido a sua grande importância para as cadeias produtivas globais e base do consumo energético moderno há décadas, acaba sendo um dos pilares da geopolítica atual. Os principais interesses podem ser dividido em dois grupos: Os países produtores, que buscam utilizar a exploração do petróleo para garantir sustentação econômica, e os países consumidores, que visam garantir um suprimento contínuo de petróleo a um preço viável.

No protagonismo das ações desse geopolítica energética estão os Estados Unidos (maior produtor e consumidor de petróleo), China (maior importador e segundo maior consumidor), Rússia (um dos maiores produtores e exportadores de hidrocarbonetos,

sobretudo de gás natural) e Arábia Saudita (apontada como líder da OPEP e grande produtora). O Brasil, ainda que coadjuvante nessas disputas, observa atentamente tais disputas e seu desenrolar, para, assim, avaliar seus próprios projetos de exportação das reservas do Pré-Sal.

Ironicamente, a pandemia originou-se na China, atualmente maior importador de petróleo. O país asiático substituiu os Estados Unidos no posto, visto que, graças ao *shale oil*, tornaram-se nos últimos anos o maior produtor mundial (AIE, 2020). Por sua vez, a diminuição da dependência dos Estados Unidos de sua importação já vinha causando mudanças na geoeconomia do petróleo, ao mudar o centro gravitacional do produto do Atlântico Norte para o Mar do Sul da China. Por um lado, os Estados Unidos com isso aumentaram sua segurança energética, mas, por outro, também passaram a ter maior interesse em manter as cotações do barril de petróleo em alta², visto que isto representa maiores lucros para os produtores e investidores do *shale oil*.

O século XXI começou promissor para os países produtores durante o período chamado de “boom” das commodities, onde o preço do barril chegou a passar de cem dólares em alguns momentos. Além disso, novas descobertas, como o Pré-Sal brasileiro, aumentaram o número de reservas provadas. Com o Iraque sob ocupação militar e o Irã sofrendo sanções econômicas devido ao seu programa nuclear, dois produtores importantes ficaram fora do mercado por um período, diminuindo a oferta e aumentando o preço. Essa boa fase foi brevemente interrompida pela crise econômica de 2008, mas logo os preços voltaram a se estabilizar em faixas consideradas ainda altas, acima de sessenta dólares.

Entretanto, isso durou apenas até o *oversupply* de 2014³, quando os países produtores

² Especialmente a WTI, usada para as transações financeiras do petróleo extraído em território estadunidense.

³ Um *oversupply* (excesso de oferta) ocorre quando a oferta de um produto supera em muito sua demanda, o que pode acarretar em problemas sérios ao produtor, como a baixa abrupta de seu preço em um curto período de tempo e maior necessidade de estocagem. Isto ocorreu com o petróleo no final de 2014 devido ao aumento da produção do *shale gas* norte-americano, o aumento das produções russas e sauditas e a suspensão das sanções econômicas ao Irã. Tais fatores levaram a uma inundação da oferta do petróleo no mercado, que fez a cotação *Brent* cair para menos de 30 dólares o barril após anos com médias superiores a 100 dólares.

perceberam a ameaça que o *shale* americano representava para suas economias (PEREIRA, 2019). Naquele momento, os grandes exportadores do hidrocarboneto, como os países membros da OPEP e a Rússia, buscaram se adaptar a essa concorrência através de uma até então improvável aliança, a despeito de serem considerados, historicamente, “petrorivais”. Assim, foram lançadas as bases para a formação da OPEP+, fórum multilateral criado para controlar os níveis de produção do petróleo, mantendo seu preço em um patamar estável (ANDRADE; LASCO, 2020).

Neste momento, uma mudança paradigmática começou a pairar sobre a geopolítica do petróleo. Por décadas, trabalhou-se com a hipótese da escassez do produto. Havia o temor de que os países disputariam entre si o controle das reservas mundiais, como as localizadas no Oriente Médio. A preocupação era quem extrairia a última gota de petróleo. Porém, com novas reservas descobertas, a emergência das energias renováveis e a preocupação com a situação ambiental incentivando uma descarbonização da economia global, possivelmente inicia-se a era do petróleo abundante (VAN DER GRAAF, 2016). Ao invés de se preocupar com o esgotamento das jazidas, a preocupação agora referia-se ao não uso de todas as reservas descobertas, tornando-as um ativo sem utilidade econômica e importância estratégica.

A pandemia do Covid-19 pode ter impulsionado esse cenário, preocupando os produtores que tem no petróleo sua principal fonte de renda. Contudo, é provável que o petróleo continuará relevante na matriz energética mundial por várias décadas, mesmo que ultrapasse seu pico de demanda, conforme algumas previsões apontam (a própria OPEP estima que isto acontecerá em 2040). Segundo Van Der Graaf (2016), sua demanda permanecerá alta, a exemplo do carvão mineral, que continua sendo utilizado em larga escala mesmo tendo sido ultrapassado em demanda pelo petróleo há quase meio século. Ainda assim, o baque provocado pelo Covid-19 parece já demonstrar alguns sinais preocupantes para os países produtores.

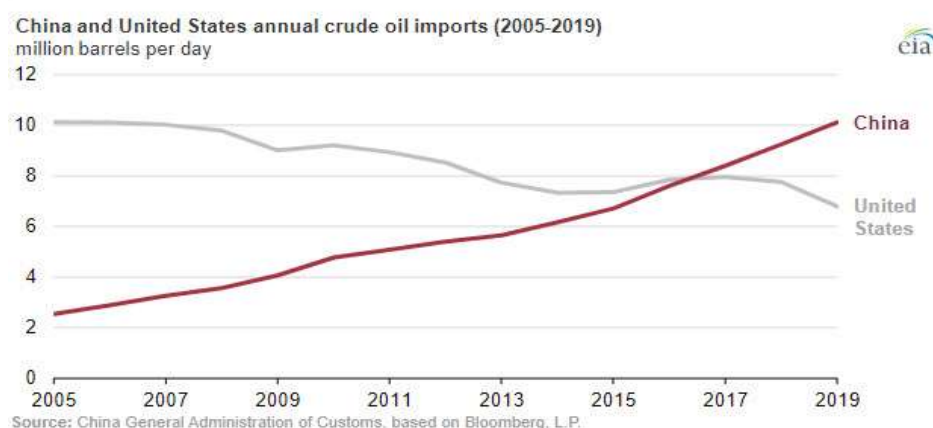
O principal uso do petróleo é a sua conversão, através do processo de refino, em produtos derivados de utilidades variadas, embora o destaque seja o uso final como combustível para os meios de transporte. Desde a segunda revolução industrial, isto

impulsionou a mundialização da economia capitalista e moldou o atual padrão de vida e a sociedade de consumo (YERGIN, 2010). Com a pandemia do Covid-19 subitamente provocando uma paralisação na circulação mundial (principalmente nos modais rodoviários e marítimo, além do transporte aéreo), a demanda por petróleo baixou consideravelmente.

Por isso, vale reforçar o papel da China, cuja voracidade por insumos energéticos, caracterizada como uma das principais responsáveis por manter a demanda por petróleo alta, acabou por catalisar uma substancial queda na demanda ao iniciar a adoção das medidas de quarentena e isolamento social. Conjuntamente, observou-se a redução do tráfego aéreo internacional, atividade de grande demanda pelo óleo (MHALLA, 2020). A **Figura 1**, a seguir, ilustra o momento em que a China ultrapassa os Estados Unidos como principal importador de petróleo mundial, devido tanto à sua alta demanda por commodities, quanto pelo *shale oil* diminuindo a dependência americana.

Figura 1: Importações de petróleo cru de China e Estados Unidos entre 2005-2019

China's crude oil imports surpassed 10 million barrels per day in 2019



Fonte: *Energy Information Administration*. Washington (Estados Unidos); 2020.

Com a China tornando-se o centro de gravidade do fluxo mundial de petróleo, os Estados Unidos receariam ainda mais o expansionismo chinês, a primeira ameaça real à sua

hegemonia desde o fim da guerra fria (MAMIGONIAN, 2018). As tensões sino-americanas aumentaram desde o início da gestão Trump (2017-2020) e foram elevadas com as repercussões da pandemia. Alguns autores apontam que, findado o surto do Covid-19, os Estados Unidos tenderão a planejar novas estratégias com seus aliados para diminuir a influência e o peso econômico chinês no comércio mundial e nas cadeias produtivas (JOHNSON; GRAMER, 2020; BENJAMIN; DAVIES, 2020). Para tal, uma das medidas seria repatriar para o território estadunidense diversas indústrias estabelecidas em território chinês. Além da escalada de tensão entre os países, pesa para essa medida o fato de que a produção em países externos trouxe problemas logísticos para os Estados Unidos durante a pandemia, com escassez de itens básicos de higiene como máscaras e cotonetes (SMITH, 2020).

O embate sino-americano atingiu órgãos multilaterais da diplomacia, principalmente a OMS. Apesar de ter sido criticada por suas ações nas fases iniciais da disseminação da doença, a China tem mantido boas relações com a organização, sendo elogiada por suas ações de *lockdown* e pelo envio de apoio médico e logístico a outros países do mundo no combate ao vírus, como na Itália e na Sérvia. Embora os chineses corram o risco de ter sua imagem arranhada no cenário mundial, a situação permite que eles exerçam seu *soft power*. Por outro lado, as relações entre Estados Unidos e OMS pioraram nos últimos meses, com Trump ameaçando retirar o suporte financeiro de seu país à OMS, o maior que a organização recebe entre todos os países (TRUMP, *In*: G1, 19/05/2020). Vale ressaltar que os Estados Unidos, até o início de setembro de 2020, configuravam o país com maior número de casos e mortes do coronavírus em todo o mundo.

Outros atores importantes na geopolítica do petróleo são a Federação Russa, uma das grandes potências energética e a Arábia Saudita, monarquia cujo poder no cenário mundial é as vezes subestimada, tendo no petróleo (junto com sua liderança religiosa no mundo árabe-islâmico) um dos pilares de sua força. Assim como no caso sino-americano, a relação entre os países é marcada por tensões e divergências, como exemplificado pela guerra civil síria (2011- ...), onde os países apoiam lados opostos. O cenário se repete no mercado de petróleo, marcado pela disputa entre os dois países por fatias de mercado e o controle da variação do

preço do barril.

Contudo, compelidos pelas características geopolíticas e comerciais do mercado petrolífero (BRITO *et al.*, 2012), ambos os países frequentemente firmam acordos sobre a sua produção, promovendo cortes de produção mútuos e de seus principais aliados, controlando assim a variação do preço. Após o *oversupply* de 2014, eles se aproximaram ao perceber a mudança em relação a oferta e demanda de petróleo no mercado mundial, impactando seu preço (ANDRADE; LASCO, 2020). Em 2016, o preço atingiu uma baixa histórica de 25 dólares, catalisando essa aproximação, solidificada com a criação da OPEP+, fórum internacional que combina os países membros da OPEP com outros grandes produtores mundiais que não estão no cartel, como a própria Rússia, que informalmente é considerada a líder do bloco (PEREIRA, 2019).

Graças a essa aliança, e, aproveitando uma boa relação mútua por um breve período entre os dois rivais geopolíticos, ambos os países passaram a traçar novas estratégias para seu próprio contexto. A Rússia apostou na criação de novos gasodutos que a conectam diretamente aos mercados da Europa Ocidental, evitando rotas que trespasssem o território ucraniano, onde a Rússia possui tensões⁴. Já a Arábia Saudita lançou a IPO, de sua empresa estatal petrolífera, a SaudiAramco, buscando diversificar seu portfólio e mitigar sua dependência econômica do petróleo (RAVAL *et al.*, 2019).

A boa fase entre os dois, contudo, foi comprometida pela pandemia do Covid-19. A já supracitada reunião de março deste ano resultou na quebra do acordo estabelecido na OPEP+, ato que causou pânico nos mercados mundiais, inclusive nos Estados Unidos, preocupados com os efeitos da sobreoferta e baixa demanda sobre os produtores de *shale oil*. Pouco tempo depois, em abril, com incentivo do governo estadunidense, os dois países se acertaram, e, juntamente com seus parceiros da OPEP+, fecharam um acordo histórico de cortes de produção do petróleo. Contudo, ele não evitou as reverberações que a pandemia teria sobre a geopolítica do petróleo, como veremos na próxima seção.

⁴ As divergências russo-ucranianas são históricas, mas as tensões mais recentes incluem disputas territoriais na península da Criméia e separatismo nas províncias de Donetsk e Luhansk.

Efeitos na geopolítica do petróleo

Nesta seção do artigo, a questão sobre os impactos da pandemia de Coronavírus na Geopolítica do petróleo é demonstrada através do relacionamento entre os países produtores e consumidores deste recurso. Com tal objetivo, seguimos destacando os EUA e a China, assim como os países pertencentes à OPEP e OPEP+, notadamente a Arábia Saudita e a Rússia, mas agora, também analisando a situação dos grandes produtores de petróleo na América Latina, focalizando a Venezuela, além das tensões decorrentes de uma disputa em torno do poder, que mobilizam forças estrangeiras, particularmente, russas e estadunidenses. A perspectiva de uma depressão econômica está posta, com um incremento do desemprego, fechamento de empresas e aumento da pobreza, só para citarmos algumas das decorrências do conturbado período em que vivemos. Como discutem Théry e Melo-Théry (2020), a pandemia trouxe uma incerteza como nunca antes havíamos presenciado.

Assim, torna-se uma questão difícil traçar qualquer cenário diante da pandemia, considerando que o mundo inteiro sofreu com seus impactos negativos ao longo do ano de 2020 em diversas áreas. Alguns autores importantes se debruçaram para questões referentes a este acontecimento, que sem dúvida representa um marco em diversos aspectos, seja nos campos político, econômico, social e pessoal, dentre outros. Por exemplo, Alexandr Dugin, um dos conselheiros políticos do presidente russo, Vladimir Putin, argumenta que estamos vendo em tempo real, a dissolução do neoliberalismo, devido aos impactos que a pandemia causou, representando um revés da globalização econômica (DUGIN, 2020a, *In*: NOVA RESISTÊNCIA, 19/03/2020).

Ao traçar hipotéticos cenários para o pós-pandemia Dugin (2020a) avalia sobre um aumento da influência chinesa no cenário internacional. Em outro texto, o autor argumenta sobre um acirramento das tensões entre China e Estados Unidos, devido a tal expansão sínica no mundo, em meio à execução de um projeto nacional próprio (DUGIN, 2020b). Deste modo, o autor atenta que,

A China está relativamente pronta para essa virada ideológica e política, sendo

um Estado rígido e centralizado, com uma estrutura vertical de poder. A China está padecendo muito com o colapso da globalização, que conseguiu manejar em favor de seus interesses nacionais, apesar de, em geral, sempre ter conferido ênfase especial em sua autarquia – que o Estado chinês não perdeu de vista nem mesmo nos períodos de maior abertura. (DUGIN, *In*: NOVA RESISTÊNCIA, 28/04/2020, n.p.⁵)

Seguindo nesta linha de raciocínio, Dugin (2020b) pontua determinadas características de um mundo pós-globalista, para ele, e por exemplo, com uma sociedade mais fechada e autônoma, valorizando a soberania. Partindo deste pressuposto, os Estados deveriam retomar sua industrialização, o que remete, sem dúvida, à produção e ao comércio de petróleo. Assim, uma política externa eficiente, deve abarcar uma rede de alianças que garantam o abastecimento de recursos.

Diante de um cenário de preços do barril alcançando preços até então inimagináveis, com cotações negativas pela primeira vez na história, como visto no mês de abril de 2020 quanto ao barril comercializado nos EUA, torna-se relevante expor o impacto deste acontecimento para a geopolítica do petróleo, elencando os autores que ditam as regras neste xadrez⁶. Somado aos efeitos da pandemia do Coronavírus, o intrincado xadrez de proporções planetárias acarretaria em consideráveis impactos no relacionamento entre Estados Nações.

Destarte, os temas referentes ao petróleo protagonizaram acontecimentos de relevo para entender o cenário internacional, tendo em vista tratar-se de um recurso estratégico, estando, portanto, na raiz de conflitos entre países. Partindo deste pressuposto, a questão energética constitui aspecto importante para a sua compreensão, pois o controle destes recursos, permitem aos Estados-nações, um incremento na sua projeção externa, além de fundamental às suas seguranças energéticas, configurando essa razão de política interna uma das justificativas para ações no contexto internacional.

Não podemos esquecer que eventos como o golpe no Irã em 1953, em que foi deposto

⁵ Não Paginado (n.p.), conforme orientação ABNT para obras não paginadas.

⁶ Ver reportagem de Moura e Pamplona (2020), intitulada "Preço do petróleo americano derrete e fica negativo pela 1ª vez na história". *In*: Folha de São Paulo, 20/04/2020.

o governo de Mossadegh, explicitam a questão energética como aspecto essencial, já que tal país havia nacionalizado suas reservas petrolíferas. Assim, a militarização de determinadas áreas no globo, especialmente pelos EUA, na Venezuela e no Oriente Médio (para ficarmos nos exemplos mais claros) representa a finalidade de assegurar recursos energéticos estratégicos àquele, para a manutenção do seu desenvolvimento (REIS; MACHADO, 2014).

Adicionalmente, para o professor Ildo Sauer, a explicação desta conjuntura não deve ser posta apenas na conta da pandemia.⁷ Em decorrência disso, destaca-se o petróleo como um recurso eminentemente estratégico dentro do relacionamento dos países no cenário internacional, e de sua geopolítica. Como apontam Reis e Machado (2014), o petróleo representa um setor bastante complexificado desde a produção e refino até o consumo, o que permite inferir a respeito de como os países agem, e todas as nuances que regem o relacionamento entre os Estados Nações, representando, assim, um elemento importante para a compreensão do cenário geopolítico global.

Fiori (2020), em texto recente, analisa os diversos aspectos referentes ao petróleo, inclusive sua geopolítica. O autor observa que a queda vertiginosa dos preços continuará, mesmo com o acordo entre os países produtores de petróleo, mais precisamente da OPEP+.

Tal perspectiva afeta diretamente os grandes países produtores de petróleo, especialmente os EUA, que de grandes importadores se tornaram os maiores produtores deste insumo, graças a exploração do *shale gas*, tendo em vista que enfrentará dificuldades consideráveis diante deste cenário incerto. Uma das consequências que podem vir a acontecer, é a exploração do petróleo a partir do *shale* se tornar inviável, devido a uma acentuação na queda dos preços, afetando sobremaneira a economia norte-americana. Outros países que dependem do petróleo também sofrerão duramente as consequências da brusca redução no preço do barril, o que contribui para a nebulosa conjuntura, agora com consequências de mais longa duração.

⁷ Conforme SAUER [Entrevista cedida a] WEIMANN, Sindipetro, 2020. Entrevista intitulada "O coronavírus foi uma pequena pólvora detonadora dessa crise do petróleo".

A ação conjunta de Rússia e Arábia Saudita de redução deliberada do preço do barril do petróleo, representa um recado muito claro, qual seja, a de que podem oferecê-lo a qualquer preço. Se a OPEP teve dificuldades em inserir seus preços nos choques do petróleo em 1973 e 1979⁸, tal fato não se repetiria, com a ação deliberada da monarquia saudita de redução do preço deste insumo, principalmente após o ano de 2014, e reafirmado em 2017, com a criação da OPEP+, quando a Rússia se juntou à iniciativa.

O que se depreende deste processo é uma reafirmação da hegemonia da OPEP, sob a liderança da Arábia Saudita, seja em conflito ou cooperação com a Rússia.

Passando então às reverberações de tal conjuntura geopolítica ao continente latino-americano, destacando as consequências da redução do preço do barril do petróleo para a Venezuela, país fortemente dependente deste recurso para a sua economia⁹, e, agora, apresentando um cenário caótico, com implicações domésticas (crise econômica e política) e externas, principalmente no relacionamento com seus vizinhos.

Em decorrência disso, a questão venezuelana inspira maiores atenções, tendo em vista a conflagração de uma série de conflitos e interesses, sobretudo após a morte do presidente Hugo Chávez (1999-2013) e a ascensão de seu herdeiro, Nicolás Maduro (2013 - ...), ao poder. Tal país, enquanto possuidor das maiores reservas de petróleo no mundo, sofreu de forma demasiada com a queda do preço do barril de petróleo entre 2014 e 2015, reflexo da ação da monarquia saudita na OPEP. Neste período, revelou-se uma crise na indústria petrolífera venezuelana, com queda na produção diária do barril deste recurso, por parte da estatal neste setor, a PDVSA (CLAVIJO; SANTOS, 2017). A partir disto, uma crise de abastecimento assola

⁸ Em 1973, a Guerra do Yom Kippur, entre uma coalizão de países árabes, liderados por Síria e Egito, contra Israel, gerou como uma de suas consequências, o primeiro choque do petróleo, com um aumento significativo do preço do barril, impactando todo o sistema internacional. Em 1979, o início da Guerra entre Irã e Iraque, provocou o segundo choque do petróleo (YERGIN, 2010).

⁹ Estima-se que a dependência da economia venezuelana chegue a cerca de 96% das exportações do país, tornando o país um exemplo típico da “maldição dos recursos naturais”, isto é, quando um país rico em um recurso específico fracassa em diversificar sua economia para além de sua exploração, ficando vulnerável em casos de crises do produto (PEREIRA, 2019).

o país, com queda das importações e redução de sua margem de sua manobra para definir o comportamento no mercado internacional de petróleo, em prol da recuperação de seu preço, o que, em última análise, prejudica sua inserção no sistema internacional.

Associa-se a este cenário uma elevação nas tensões, com a chegada de Donald Trump ao governo dos Estados Unidos, em 2017. As ameaças de deposição do presidente Nicolás Maduro se acentuaram, com aumento de embargos econômicos e incremento da militarização no Mar do Caribe, por parte da ainda maior potência econômica mundial. Em janeiro de 2019, o líder da oposição, Juan Guaidó se autoproclamou presidente da Venezuela, em mais um episódio grave, e que possui, como consequência, em última instância, uma tentativa de mudança de regime.

O impacto da crise do Coronavírus no preço do barril do petróleo, após a queda proposital orientada por Rússia e Arábia Saudita, reflete mais um golpe contra a Venezuela e trará mais instabilidade na disputa de poder entre o chavismo (apoiado por Rússia e China) e a oposição (apoiada pelos Estados Unidos). Convém lembrarmos que as relações entre EUA e Venezuela se tornaram tensas após a subida de Hugo Chavez ao poder, em 1999, com uma tentativa frustrada de golpe de Estado em 2002. Como observa Bandeira (2010),

[...] a política exterior dos EUA, vis-à-vis da América Latina, nunca foi, na realidade, consistente com os princípios democráticos norte-americanos, que sempre constituíram um elemento marginal, para efeito de retórica. O respaldo tácito ao golpe de Estado na Venezuela demonstrou mais uma vez que Washington somente admitira e respeitara os regimes democráticos na América Latina, enquanto funcionaram em favor de seus interesses econômicos, políticos e estratégicos. (IBIDEM, p. 605).

Assim, entre interesses e ingerências de potências e seus impactos no âmbito latino-americano, e seguindo o proposto neste artigo, a próxima seção traz uma avaliação sobre os principais efeitos da pandemia no Brasil, particularmente, sobre a Petrobras e a própria economia do país ligada ao setor do petróleo.

Reverberações da pandemia e da crise do petróleo no Brasil

Discutidos alguns dos principais pontos sobre os efeitos da pandemia na geopolítica

do petróleo em âmbito global, agora o texto chama atenção sobre os impactos na geografia econômica e na própria economia do Brasil, particularmente, no que diz respeito à sua principal empresa petrolífera - a Petrobras, focalizando quanto: à sua posição no mercado internacional e a relação com as descobertas do Pré-Sal; os efeitos imediatos da redução da demanda (fruto da diminuição de atividades industriais e deslocamentos) à produção e ao âmbito fiscal, sobretudo, na arrecadação do estado do Rio de Janeiro (principal estado produtor do país e sede da Petrobras). Interligando tais pontos, evidenciam-se as crescentes ameaças associadas ao desmonte da sexagenária e estratégica empresa brasileira em termos de soberania, autonomia e ao próprio desenvolvimento do país.

Na sequência dos principais pontos destacados para análise, convém ressaltar o papel do Brasil na produção global de petróleo, detendo em 2018, a sétima maior empresa produtora do mundo¹⁰, com produção que então chegava aos 1,9 milhões de barris diários: a Petrobras. A saber, fundada em 1953 em meio a um forte movimento popular em torno da campanha "O petróleo é nosso!" e com sede no Rio de Janeiro, a Petrobras foi ganhando proeminência no mercado mundial, passando a atuar em mais de 25 países. Caracterizando-se como uma empresa, até o presente momento, estatal de economia mista, tem como acionista majoritária a União, com crescente parcela de participação de investidores estrangeiros, chegando a 41,21% em abril deste ano¹¹.

A partir dos anos 2000, a empresa ganharia relevância no cenário petrolífero global, sobretudo, a partir da descoberta de vastas acumulações de óleo leve e de alto valor comercial em águas ultraprofundas da denominada camada do Pré-Sal em 2006, o que, inclusive, demandaria o uso de altas tecnologias para a extração no setor *offshore* a grandes profundidades¹². Assim, o Brasil ficaria no topo do mundo no segmento dos fósseis, e ainda, possibilitado de proteger sua economia das flutuações de preços internacionais, assegurando

¹⁰ Segundo matéria do site "O Petróleo", de 20 de maio de 2019, disponível em: <https://www.opetroleo.com.br/as-dez-maiores-empresas-por-producao-de-petroleo/>.

¹¹ PETROBRAS, 04/2020.

¹² Devido às tecnologias pioneiras que a Petrobras desenvolveu para a exploração do Pré-Sal, a empresa receberia em 2015, pela terceira vez, o maior reconhecimento tecnológico entre operadoras offshore: o *OTC Distinguished Achievement Award for Companies, Organizations, and Institutions*.

sua segurança energética e tendo disponível a oportunidade de tornar-se um exportador do produto, como explicitado em matéria do Brasil de Fato:

Com a descoberta do pré-sal e a continuidade da produção da bacia de Campos, durante os anos 2000, a produção do petróleo ficou suficiente para o mercado doméstico. Isso deu uma condição de autonomia em relação ao combustível. Isso possibilitou não ficar refém do mercado internacional e fazer a nossa própria política de preços. (GUIMARÃES, *In*: BRASIL DE FATO, 2019, n.p.)

Com a ampliação dos investimentos na exploração de águas profundas, a produção média de petróleo no Pré-Sal passaria de 41 mil barris por dia (bpd) em 2010, para mais de 1,5 milhão de bpd em 2018, um acréscimo superior a 3.500% neste período (PETROBRAS, institucional)¹³.

Pois bem, e se de um lado a produção total¹⁴ da Petrobras mostrou crescimento em boa parte das últimas duas décadas, ultrapassando, no primeiro trimestre de 2020, os 2,9 milhões de barris de óleo equivalente por dia (+ 14,6% / 1º Tri de 2019), por outro lado, tanto suas receitas, quanto seus resultados líquidos, já apresentavam complicações desde 2019. Ou, ao menos, uma reversão de cenários à produção e aos investimentos.

Com reduções do preço do *Brent*, as receitas dos derivados do óleo diminuíram. Já nos resultados, destaca-se que ainda que em 2019 fora alcançado o maior lucro da história da estatal - de R\$ 40,1 bilhões (PETROBRAS, *In*: G1, 19/02/2020), tal número foi puxado, em muito, por: desinvestimentos (em especial, em unidades que tem no exterior); venda de ativos (como do controle da BR Distribuidora e da TAG Investimentos, além de muitos outros), indústrias e outros serviços (com negócios já fechados ou em "vias de", como vinculados à distribuição e transporte de gás, dutos do Pré-Sal, plantas de etanol e produção de biodiesel, sem falar na crescente terceirização de alguns segmentos de pesquisa).

¹³ A fim de comparar o robusto incremento de produtividade da Petrobras com o Pré-Sal, a mesma demorou 49 anos, desde sua criação, para que alcançasse, em 2002, a marca de 1,5 milhão de barris de petróleo.

¹⁴ Somando petróleo, gás natural e líquido de gás natural (LGN).

Diante das crescentes dificuldades operacionais, a atual pandemia e a grave crise no setor de petróleo (de sobreoferta mundial e preços baixíssimos) agravariam, sobremaneira, a situação da Petrobras e do próprio Brasil.

Primeiro, influenciado diretamente pelas menores cotações do óleo no início de 2020 e, adicionalmente, pela reavaliação de preços de seus ativos ao novo patamar de cotação. A saber, a empresa finalizou o primeiro trimestre de 2020 com um prejuízo de R\$ 48,5 bilhões, resultado bastante abaixo do lucro de R\$ 4 bi registrado no mesmo período de 2019 (PETROBRAS, *In: G1*, 14/05/2020).

Segundo, e decorrentemente, após divulgar na última semana de março uma redução de produção de 100 mil bpd, em primeiro de abril, a Petrobras reforçaria a redução de sua produção diária para 200 mil bpd, além de anunciar outras medidas de postergação de desembolsos de caixa e redução de custos (PETROBRAS, *In: G1*, 01/04/2020), visando conter uma maior queda de receitas e resultados para enfrentar a "pior crise da indústria do petróleo nos últimos 100 anos".

E o que mais tal cenário conturbado reserva à Petrobras e à economia brasileira? Falemos, a seguir, sobre relações, impactos e panoramas nos âmbitos: da oferta - produtivo dos campos de exploração no país associadamente à questão dos investimentos e o desmonte produtivo da Petrobras; e, da demanda, quanto aos principais efeitos e ameaças socioeconômicas.

De acordo com nota de avaliação da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (FIRJAN, 03/2020), os riscos ao Brasil são consideráveis e envolvem riscos epidemiológico e financeiro, ambos com potencial de impacto na esfera da oferta. O primeiro respeita à contaminação de coronavírus em operadores embarcados, o que causaria rápida transmissão entre trabalhadores, logo, forçando "[...] paradas abruptas na produção em suas plataformas *offshore*" (FIRJAN, 2020, p. 8), as quais já imprimem um segundo risco, o financeiro, relacionado ao custo total de produção médio no país, podendo reduzir, em cerca de 30%, a produção nacional. Segundo a nota,

Pelo custo de produção, os maiores campos produtores advindos do pré-sal terão maior capacidade de se sustentar em meio a redução de preços. Contudo, os campos de menor produção, de acumulações marginais, por exemplo, correm maior risco. Isso significa que esse cenário pode inviabilizar mais de 1 MM bpd de produção brasileira. (FIRJAN, 2020, p. 8)

E ainda que diante uma conjuntura bastante comprometida, a Petrobras e muitos dos seus campos possuam, a priori, perspectivas de cortes orçamentários de exploração (estimados de US\$ 300 a US\$ 600 milhões para 2020) e revisão de planos, não é factível tirá-la do "radar" de possíveis agentes do mercado internacional em busca de “oportunidades” baratas, nos curto e médio prazos. Como, por exemplo, do óleo de ótima qualidade encontrado nas bacias do Pré-Sal.

A saber, segundo o IBP¹⁵, para 2020 estavam previstas a 17ª rodada de licitações de blocos sob o regime de concessão e a 7ª rodada de licitações do Pré-Sal sob o regime de partilha da produção, além de uma rodada permanente. No começo de abril, a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) suspendeu a 17ª rodada, indicando que o Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) definirá um novo cronograma para a licitação¹⁶.

Sobre isso, é possível traçar dois principais cenários prospectivos, ambos a depender do aprofundamento da crise do Covid-19 e, portanto, do próprio setor do petróleo. Num primeiro, a crise do setor continua e se agrava, dificultando a exequibilidade de rodadas em 2020/2021, como estimado pela ANP. Num segundo, mais pessimista à Petrobras e à estratégia energética nacional, ainda que altamente defendido pela dominante "ala fiscalista" do governo brasileiro, rodadas voltadas a concessões e privatizações podem ocorrer desde já, negociadas, porém, a preços muito reduzidos, e com efeitos negativos em multi escalas.

Atentando à irresponsável política do atual governo tanto para a Covid-19, quanto para o petróleo, o ex-presidente da Petrobras (com gestão entre 2005 e 2012) Sérgio Gabrielli, em artigo exclusivo ao jornal Revista Fórum (31/03/2020), discute criticamente sobre o

¹⁵ Instituto Brasileiro de Petróleo, Gás e Biocombustíveis.

¹⁶ Adequando o planejamento plurianual das rodadas de licitações programada para o biênio 2020-2021.

aprofundamento do desmonte não apenas do aparato produtivo do Estado no setor de petróleo e gás, mas, principalmente, do controle estatal deste estratégico setor à geopolítica nacional.

Nesta sequência, Gabrielli critica certas propostas que, no discurso de "salvar a Petrobras", propõem redução das exigências de conteúdo local e de *royalties* para campos maduros¹⁷, além de aceleração da liberação de licenças ambientais de áreas já licitadas. Tais direcionamentos levam, diretamente, a destruir a própria cadeia industrial associada ao setor de petróleo e gás no país, imprimindo, ademais, ameaças socioambientais, tendo em vista tratar-se de fósseis altamente contaminantes¹⁸.

Quanto ao controle, e ao diferenciar os contratos pelo sistema de partilha de produção aos de concessão, o mesmo ressalta que o primeiro "[...] não transfere a propriedade do petróleo para o produtor, enquanto na concessão esta transferência é efetivada". Em suma, ressalta que qualquer manutenção de rodadas e vendas neste atual contexto exigiria,

[...] uma profunda redução de bônus de entrada e aceitação de baixas participações no lucro-óleo, entregando as riquezas futuras para as empresas internacionais a preços extremamente baixos. (...) As vendas serão na bacia das almas e o capital investido será destruído, com a transferência da propriedade destas refinarias para os compradores a preços muito baixos. (GABRIELLI, *In*: REVISTA FÓRUM, 2020, n.p.)

Já concatenando as relações e os impactos no âmbito da demanda, particularmente, de sua retração no Brasil em meio ao Covid-19, passamos à outras graves questões atinentes às esferas orçamentária e fiscal subnacionais, assim como da própria União. Ou seja, num cenário de baixos preços do petróleo e gás, no qual *royalties* e arrecadações vinculados a este setor são imediatamente reduzidos, examina-se, agora, os impactos imediatos ao estado do Rio de Janeiro (RJ) e ao próprio país.

¹⁷ Para compreender melhor a relação entre o setor de petróleo e gás à política de conteúdo local brasileira, consultar o texto de Piquet, R. P. S.; Lumberas, M. J (2018).

¹⁸ Lembremos recentemente no Brasil, das consequências humanas e ambientais, por hora ainda incalculáveis, decorrentes de enormes vazamentos de óleo cru no litoral (em mais de 2 mil quilômetros de praias do Nordeste e Sudeste do país).

Quanto ao primeiro caso, em matéria de Ramalho ao Valor Econômico (2020), a FIRJAN estima forte queda da arrecadação diária de *royalties* do RJ, em mais de 50%, ante à média diária de 2019, devido à crise deflagrada. A fim de comparação, em 2019, tal monta chegou a R\$ 25,7 milhões/dia e a nova estimativa para 2020 trata de R\$ 12,7 milhões/dia arrecadados. Ademais, a pandemia impacta (como já vem ocorrendo) diretamente as finanças municipais, como via retração do Imposto Sobre Serviços (ISS) e impostos estaduais, com previsão de queda no recolhimento do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), em cerca de 8% para 2020.

Para se ter uma ideia, com a confirmação do cenário traçado pela FIRJAN, haveria frustração de 18% na arrecadação, resultando numa estimativa de perda próxima a R\$ 23 bilhões devido à crise. Levando em conta que cerca de 20% do orçamento de todo o estado do RJ são fruto de *royalties* e participações especiais pagos pela Petrobras aos governos municipais, isso complicaria sobremaneira a conjuntura fluminense¹⁹. Tanto no que concerne à um estado já permeado de uma grave crise fiscal, no qual não se havia qualquer espaço à tal perda de arrecadação, quanto indicando que serviços essenciais progressivamente poderão deixar de serem realizados²⁰.

Quanto os impactos ao Brasil e de acordo com reportagem de Luna (2020), em uma primeira revisão após o agravamento da crise provocada pelo Coronavírus, a ANP observou que "[...] o preço médio do petróleo utilizado para cálculo dos *royalties* em 2020 já aponta para arrecadação da União 30% menor. O valor sai de uma estimativa inicial de R\$ 27 bilhões em

¹⁹ Explicitando a crescente dependência do estado do Rio de Janeiro para com o setor de óleo e gás ao longo dos anos, segundo monitorado pela "Info Royalties: Petróleo, Royalties e Região" da Universidade Candido Mendes, a soma de *royalties* e participações especiais, em valores correntes, saiu de quase R\$ 907 milhões no ano 2000 para mais de R\$ 13,1 bilhões em 2019, um aumento de 1.375%. Na mesma página (podendo ser visualizada em: <https://inforoyalties.ucam-campos.br/informativo.php>), é possível consultar os valores e participações do referido setor aos ingressos também em outros estados produtores, quais sejam: Alagoas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Paraná, Rio Grande do Norte, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe.

²⁰ Como os vinculados à saúde, educação, administração, assistência social, transportes, saneamento, urbanismo, gestão ambiental e outros. Esses, configurando exatamente as principais funções e segmentos recentes dos recursos destinados do orçamento total executado no Rio de Janeiro, segundo dados do Sistema de Informações Contábeis e Fiscais do Setor Público Brasileiro (SICONFI) do Tesouro Nacional, em: http://www.tesouro.fazenda.gov.br/-/images/Rio_de_Janeiro.zip.

2020 para R\$ 19,5 bilhões".

Ressaltando o peso do setor de Petróleo e Gás (P&G) para a economia brasileira, atentamos a outras variáveis e aspectos igualmente relevantes, a fim de fecharmos um quadro dos principais impactos e ameaças, num horizonte cada vez mais próximo. Concluindo esta seção, trataremos especificamente, sobre: os investimentos industriais, o papel do Estado, o PIB e os empregos.

No que diz respeito aos investimentos produtivos nacionais, e segundo o estudo "Panoramas Setoriais 2030" do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES, 2017), entre 2017 e 2020, o referido setor estava caminhando para responder a cerca de 60% dos investimentos da indústria, com estimativas baseadas no grande *upgrade* conseguido após a descoberta e início da extração nas bacias do Pré-Sal. Sobre isso, o Banco aponta que

[...] sua contribuição na formação bruta de capital fixo (FBCF) saltou de 3,5%, em 2000, para mais de 10% em média nos últimos anos. Essa nova dinâmica indica que o desempenho da economia brasileira pode depender cada vez mais dos acontecimentos do setor de P&G. (BNDES, 2017, p. 94)

Alegando e justificando, enfim, que a Petrobras estaria deixando a elite estratégica do setor de petróleo mundial desde 2019, primeiro ano do atual governo, Gabrielli (na mesma matéria de Guimarães, 2019), acentuara que do acesso à descoberta de novos campos, e, do processo de produção à um maior poder em negociações internacionais, o petróleo, controlado por qualquer Estado Nacional produtor, se coloca como um elemento estratégico de segurança de longo prazo.

Com o intuito de exemplificar, das dez maiores empresas produtoras de petróleo do mundo, oito possuem controle estatal (*Saudi Aranco, Rosneft, KPC Kuwait Petroleum Company, NIOC Nacional Iranian Oil Company, China Petroleum Nacional Company, Petrobras, AdNoc e PeMex*) e apenas duas possuem controle privado, ambas norte-americanas (*ExxonMobil e Chevron*).

E ainda que o Brasil se encontre no primeiro grupo, o cenário nos últimos anos o aproxima cada vez mais do segundo grupo, em termos da própria política externa de

alinhamento, cada vez mais subserviente ao jogo internacional (particular e crescentemente aos Estados Unidos), conforme exemplificado pela adoção da pareamento com a cotação internacional ainda durante o governo de Michel Temer (2016 - 2018). Como observado na referida matéria, após ter privatizado 35 campos de exploração terrestres, "[...] o Brasil, agora sob a tutela de Jair Bolsonaro, pretende privatizar cerca de 70 campos em terra e no mar, oito refinarias e mais de 2,2 mil quilômetros de dutos" (GABRIELLI [Entrevista cedida a] GUIMARÃES, 2019, n.p.).

Corroborando de forma ainda mais realista o cenário pessimista traçado anteriormente, em recente videoconferência entre diretorias da estatal e investidores, segundo reportagem de Nogueira e Slattery (*In*: Reuters, 2020), apesar do cenário de queda de preços do petróleo e de um choque de oferta, na reunião, o próprio presidente atual da petroleira afirmou que "A Petrobras seguirá adiante com seu plano bilionário de desinvestimentos, que inclui a venda de oito refinarias e infraestruturas relacionadas", garantindo, ademais, que, apesar da crise, "Não vimos nenhum sinal de falta de interesse dos potenciais compradores de ativos"²¹.

Finalmente, e não menos importante, os trabalhadores da empresa preocupam-se não apenas com o futuro de seus empregos, mas com o futuro do próprio país, em um contexto onde outros muitos países tentam "salvar" seus setores estratégicos, e, portanto, suas economias, em tempos de pandemia e *crash* no petróleo. Como destacado por Gerson Castellano, então diretor de comunicação da Federação Única dos Petroleiros (FUP), para o caso brasileiro,

Cada R\$ 1 bilhão que a Petrobras investe na exploração e produção de petróleo, gera R\$ 1,8 bilhão para o PIB [Produto Interno Bruto] e mais de 27 mil empregos. E ainda R\$ 1 bilhão que se investe em refino gera R\$ 1,27 bilhão para o PIB, além de 33 mil empregos. [Com a política de privatizações], o governo brasileiro está na contramão de algo que o mundo inteiro faz. (CASTELLANO, *In*: GUIMARÃES, 2019, n.p.)

Claro que tudo isso, a depender do avanço e das complicações relacionadas à pandemia

²¹ Perspectivas essas reforçadas pela diretoria-executiva de Refino e Gás Natural, na ocasião, justificando que a despeito de uma redução na demanda por combustível de aviação, gasolina e óleo diesel (esse último num nível menor, dado "um suporte do setor de agronegócios"), haveria ainda "bom apetite por combustível naval (*bunker*)".

no país e os efeitos à toda sua economia, e ainda com todas as incertezas circundantes. Todavia, num Brasil cada vez mais sem direção e sem qualquer afeição ou estratégia nacional mais independente de segurança e desenvolvimento de médio e longo prazos, não parece nada irrealizável a venda de ativos energéticos do petróleo e gás, em terra e mar, a preços de oferta muito abaixo de estimativas iniciais e conservadoras, para fazer frente a necessidades de curtíssimo prazo ante as múltiplas crises enfrentadas: externas (Covid-19 e petróleo) e internas (na saúde, economia, política e no âmbito social).

Considerações finais

O artigo procurou demonstrar os efeitos da Pandemia do Covid-19 na conturbada Geopolítica do petróleo, que envolve muitos atores, com interesses distintos. O que depreendemos deste processo, é que o petróleo, ao contrário do que se previa, de se tornar um recurso escasso, tornou-se abundante, com as mudanças perpetuadas pela Arábia Saudita, no âmbito da OPEP, desde 2014 (redução deliberada do preço do barril de petróleo), e a reintrodução dos Estados Unidos no rol de maiores produtores de petróleo no mundo, através da extração do *shale*.

Ademais, após tensas negociações entre Rússia e Arábia Saudita em março deste ano (2020), resultou-se em um aumento da oferta de petróleo, com consequente queda de seu preço no comércio internacional. Tal cenário acabou por mostrar que esse recurso energético e tão estratégico poderia ser vendido a qualquer preço. Mais do que isso, reforça como ele, ao contrário de outros bens de consumo e commodities, não está somente sujeito as simples leis de oferta e demanda do mercado, mas principalmente as disputas entre os Estados nacionais motivados em assegurar seus próprios interesses de segurança energética.

Por fim, no caso brasileiro a crise perpetrada pela pandemia do Coronavírus traz muitas incertezas com relação ao futuro da Petrobras e das reservas de Pré-Sal no litoral brasileiro. Por outro lado, a medida em que a crise epidemiológica avança, percebemos uma preponderância da ala ultraliberal do governo, liderada por Paulo Guedes, ministro da Economia, com políticas e agendas marcadas explicitamente por desinvestimentos e privatizações. Ao nosso ver, isto

promove o "fatiamento" e desmonte da até então estratégica estatal petrolífera brasileira. Isto vai de forma diametralmente oposta ao que buscam outros países produtores, preocupados com a estabilização dos preços para mitigar seus prejuízos econômicos. Essa postura destoante do governo brasileiro explicita algo ainda mais grave para a soberania brasileira: um total desprezo, geopolítico e econômico, pelo próprio país.

Referências

ANDRADE, J.; LASCO, T. O novo choque do petróleo. **Estado**, São Paulo, Abril de 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3bkXQVV>>. Acesso em 28 de abr. de 2020

ALBULESCU, C. **Coronavirus and oil price crash**. Politehnica University of Timisoara. Romênia, 12 de mar. de 2020. Disponível em SSRN: <<https://ssrn.com/abstract=3553452>>. DOI: <<http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3553452>>. Acesso em: 25 de abr. de 2020.

BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (BNDES). **Panoramas Setoriais 2030: Desafios e oportunidades para o Brasil**. 1ª edição. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2AfPjFE>>. Acesso em: 15 de maio de 2020.

BANDEIRA, L.A.M. **Brasil, Argentina e Estados Unidos: conflito e integração na América do Sul (Da Tríplice Aliança ao Mercosul)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BRASIL. **Sistema de Informações Contábeis e Fiscais do Setor Público Brasileiro (SICONFI)**. Tesouro Nacional. Disponível em: <<https://bit.ly/2YJk1R4>>. Acesso em: 22 de abr. de 2020.

BENJAMIN, M.; DAVIES, N. Trump's Cold War China Policy Will Isolate the U.S., not China. **Foreign Policy in Focus**. 5 de ago de 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3jXnbID>>. Acesso em 30 de ago. De 2002

BRITO, M.; SANTOS, E; ROUSSEAU, I.; NAVA, P. A dialética da segurança energética e a interdependência das nações: reflexões focadas no papel do petróleo e na dimensão brasileira. In: **Geografia e Geopolítica do Petróleo**. (Orgs) Frédéric Monié et Jacob Binsztok. Ed. MAUAD Ltda. Rio de Janeiro, 2012.

CLAVIJO W.; SANTOS, A. A Venezuela na geopolítica do petróleo: Entre os velhos e os novos paradigmas. In: **VI Encontro Latino Americano de Economia da Energia**, 2017, Rio de Janeiro. 2017 - New Energy Landscape: Impacts for Latin America - Rio de Janeiro, Brasil - 6th ELAEE/IAEE Latin American Conference, 2017. v. 2017. p. 01.

DUGIN, A. (2020a). Como vai ser o mundo pós-epidemia (pós-global)? **Nova Resistência**, 19 de mar. de 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3dPkhSR>>. Acesso em: 18 de maio de 2020.

DUGIN, A. (2020b). Coronavírus e os Horizontes de um Mundo Multipolar: As Possibilidades Geopolíticas da Epidemia. **Nova Resistência**, 28 de abr. de 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2Zv0NxU>>. Acesso em: 2 de jun. de 2020.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FIRJAN). **Avaliação dos impactos do novo coronavírus no mercado de petróleo e gás**: Avaliação momentânea da variação de demanda e da oferta no mercado de petróleo mundial e brasileiro, frente ao novo coronavírus. Nota de Avaliação Firjan, mar. de 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2CTiCPj>>. Acesso em: 12 de abr. de 2020.

FIORI, J. L. O vírus, o petróleo e a geopolítica mundial. **Carta Maior**, São Paulo, 19 de abr. de 2020. Disponível: <<https://bit.ly/31wxqN>>. Acesso em: 18 maio, 2020.

GABRIELLI DE AZEVEDO, J. S. Irresponsável política para a Covid-19 e para o petróleo, por Sérgio Gabrielli. **Revista Fórum**, Debates, 31 de mar. de 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3dLryD9>>. Acesso em: 09 de maio de 2020.

GUIMARÃES, J. Aos 66 anos, Petrobras pode deixar a elite estratégica do setor de petróleo mundial. **Brasil de Fato**, São Paulo, 03 de out. de 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3ggFXJo>>. Acesso em: 10 de maio de 2020.

JOHNS HOPKINS UNIVERSITY (JHU). **COVID-19 Dashboard**. Center for Systems Science and Engineering (CSSE). Disponível em: <<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>>. Acesso em: 05 de set. de 2020.

JOHNSON, K.; GRAMER, R. The Great Decoupling. **Foreign Policy**, Washington, 14 de maio de 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3jyWGch>>. Acesso em: 18 de maio de 2020.

LUNA, D. Com revisão da ANP, arrecadação de royalties da União cai 30% em 2020. **Estadão**, 07 de abr. de 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2Alpap6>>. Acesso em: 16 de maio de 2020.

MHALLA, M., The impact of novel coronavirus (Covid-19) on the global oil and aviation markets, **Journal of Asian Scientific Research**, China, 2020.

MAMIGONIAN, A. O mundo no final do século XX e início do século XXI. **Boletim Paulista de Geografia** v.100, 2018, p. 173-205.

MELLO-THÉRY, N.; THÉRY, H. A geopolítica do Covid-19. Espaço e Economia. **Revista**



[HTTPS://PERIODICOS.UFPE.BR/REVISTAS/RURALURBANO/INDEX](https://periodicos.ufpe.br/revistas/ruralurbano/index)

de **Geografia Econômica** v. 17, 2020, Ano IX. Disponível em: <<https://bit.ly/3gKdNGp>>. Acesso em: 16 de maio de 2020.

MOURA, N; PAMPLONA, N. Preço do petróleo americano derrete e fica negativo pela 1ª vez na história. **Folha de São Paulo**, São Paulo e Rio de Janeiro, 20 de abr. de 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/04/petroleo-wti-cai-quase-80-e-vai-a-menos-de-us-5-o-barril.shtml>>. Acesso em: 05 de set. de 2020.

NOGUEIRA, M.; SLATTERY, G. Petrobras seguirá com venda de ativos apesar de coronavírus e choque de preços. **Reuters**, Rio de Janeiro, 26 de mar. de 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/38cWECD>>. Acesso em: 14 de abr. de 2020.

O PETRÓLEO. As dez maiores empresas por produção de petróleo. **Redação**, 20 de maio de 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2AgCfQn>>. Acesso em: 06 de abr. de 2020.

PETROBRAS. **Composição Acionária – Abril 2020**. Relações com Investidores, Composição Acionária. Disponível em: <<https://bit.ly/3ijbwUs>>. Acesso em: 10 de abr. de 2020.

_____. **Institucional**. Pré-Sal. Disponível em: <<https://petrobras.com.br/pt/nossas-atividades/areas-de-atuacao/exploracao-e-producao-de-petroleo-e-gas/pre-sal/>>. Acesso em: 11 de abr. de 2020.

PETROBRAS tem lucro de R\$ 40,1 bilhões em 2019, o maior da história da estatal. **G1**, 19 de fev. de 2020. Disponível em: <<https://glo.bo/2VvFScQ>>. Acesso em: 06 de maio de 2020.

PETROBRAS corta produção em 200 mil barris diários para enfrentar 'pior crise da indústria do petróleo nos últimos 100 anos'. **G1**, 01 de abr. de 2020. Disponível em: <<https://glo.bo/31sNRuZ>>. Acesso em: 06 de maio de 2020.

PETROBRAS tem prejuízo de R\$ 48,5 bilhões no primeiro trimestre com preço do petróleo em queda. **G1**, 14 de maio de 2020. Disponível em: <<https://glo.bo/31y4Iwm>>. Acesso em: 06 de maio de 2020.

PEREIRA, A. **Geopolítica do Petróleo Brasileiro: A estratégia de internacionalização da Petrobras na América do Sul (2007-2017)**, 2019, 203f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

PIQUET, R. P. S.; LUMBRERAS, M. J., Avanços e retrocessos na Política de Conteúdo Local brasileira. **Boletim Petróleo, Royalties e Região**. Campos dos Goytacazes/RJ - Ano XVI, nº 60 – Agosto / 2018, pp. 03-05. Disponível em: <<https://royaltiesdopetroleo.ucam-campos.br/wp-content/uploads/2018/08/Ucam-Boletim-Artigo-1.pdf>>. Acesso em: 01 de maio

de 2020.

RAMALHO, A. Firjan estima perda de 50% na arrecadação de Royalties para o RJ. **Valor Econômico**, Rio de Janeiro, 30 de abr. de 2020. Disponível em: <<https://glo.bo/38hqlTa>>. Acesso em: 15 de maio de 2020.

RAVAL, A.; KERR, S.; STAFFORD, P., Saudi Aramco arrecada US\$ 25,6 bilhões em maior IPO de todos os tempos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 5 de dez. De 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2YWAbGi>> . Acesso em: 19 de maio de 2020.

REIS, C. M.; MACHADO, M. S. A Geografia do petróleo em transição: considerações a partir das descobertas de fontes não convencionais de petróleo na América. **GEO UERJ**, v.2, p.419-457, 2014. Disponível em: < <https://bit.ly/2YSuY2j> >. Acesso em: 15 de maio de 2020.

SMITH, N. **Offshoring left the U.S. unprepared for Coronavirus**. Bloomberg, Nova York, 24 de mar. de 2020. Disponível em: <<https://bloom.bg/2YVLUoB>>. Acesso em: 2 de maio de 2020.

TRUMP dá ultimato para a OMS e ameaça cortar verba permanentemente. **G1**, 19 de maio de 2020. Disponível em: <<https://glo.bo/2YXmfMu>>. Acesso em: 22 de maio de 2020.

UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES. **Info Royalties: Petróleo, Royalties e Região**. Vianna da Cruz, J. L. (Coord. Geral); Matias, Í. O. (Coord. Técnica). Campos dos Goytacazes – RJ. Disponível em: <<https://bit.ly/3dM5OqR>>. Acesso em: 16 de jun. de 2020.

SAUER, I. “O coronavírus foi uma pequena pólvora detonadora dessa crise do petróleo”, afirma professor da USP. **[Entrevista a] WEIMANN, G., Sindipetro**, São Paulo, 7 de abr. de 2020. Disponível: <<https://bit.ly/2Bp64il>>. Acesso em: 22 de maio de 2020.

VAN DER GRAAF, T. Is OPEC dead? Oil exporters, the Paris agreement and the transition to a post-carbon world. **Energy Research & Social Science**, Vol. 23, 2017, p. 182-188. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.erss.2016.10.005>>. Acesso em: 10 de maio de 2020.